

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

DIREITOS HUMANOS E DIREITO AO RECONHECIMENTO:

a cultura-mundo e a cultura *Nobrow* em seus papéis nas políticas identitárias e imaginários de resistência¹

Janaína Quintas Antunes²

A época em que vivemos caracteriza-se por uma onda poderosa e irresistível de unificação do mundo. Aquilo que em outros lugares se denomina globalização, é conhecido, na França, pelo termo mundialização. Trata-se de uma formidável dinâmica, que coincide com a conjunção de fenômenos econômicos (abertura de mercado, num contexto de capitalismo em escala planetária), inovações tecnológicas (as novas tecnologias da informação e da comunicação em geral) e reviravoltas geopolíticas (implosão do império soviético). Embora essa tendência à unificação do mundo não corresponda a um fenômeno de natureza recente (vivemos numa "segunda etapa da globalização") nem mesmo a uma realidade acabada, é inegável que representa uma transformação de ordem geral e profunda, tanto no que diz respeito à organização quanto no que diz respeito à percepção do nosso universo. Todavia, constituiria um reducionismo circunscrever a globalização contemporânea ou hipermoderna a um mero conjunto de realidades geopolíticas ou técnico-comerciais. Ela também incide sobre o universo cultural, estabelecendo padrões inéditos que comportam um reposicionamento e um redimensionamento da cultura no contexto social. A globalização é também uma manifestação cultural. No atual momento, desenvolve-se e amplia-se enormemente uma cultura de "terceiro gênero" – ou seja, uma espécie de hipercultura transnacional que, em associação com Jean Serroy, pareceu-me apropriado denominar cultura-mundo. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 1-2).

Independentemente dos pontos de vista diversos quanto às diferentes abordagens acerca dos termos globalização e mundialização, essa tendência à unificação do mundo é um fenômeno que não pode deixar de ser considerado. Ele tem consequências diretas e profundas na cultura e em sua circulação, sendo, sim, uma “manifestação cultural”.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 15 – do XIV Simpósio Nacional da ABCiber.

2. Ex-presidenta da ABCiber (2019-2021). Doutora em Comunicação e Semiótica — PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura — Mackenzie/SP. Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Cibercultura da PUC-SP. E-mail: tcheina@hotmail.com

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

Com o novo ciclo de modernidade que recompõe o mundo, constituiu-se um regime inédito de cultura. Conceito arriscado, não ignoramos isso de modo algum: quando se saca a palavra "cultura", os revólveres não estão longe! Mas os riscos teóricos que a empresa comporta não poderiam justificar manter-se afastado dela. Pois a era hipermoderna transformou profundamente o relevo, o sentido, a superfície social e econômica da cultura. Esta não pode mais ser considerada como uma superestrutura de signos, como o aroma e a decoração do mundo real: ela se tornou mundo, uma cultura-mundo, a do tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais. Através da excrecência dos produtos, das imagens e da informação, nasceu uma espécie de hipercultura universal que, transcendendo as fronteiras e confundindo as antigas dicotomias (economia/imaginário, real/virtual, produção/representação, marca/arte, cultura comercial/alta cultura), reconfigura o mundo em que vivemos e a civilização por vir. Não estamos mais nos tempos em que a cultura era um sistema completo e coerente de explicação do mundo. Terminaram, igualmente, as grandes épocas de oposição entre cultura popular e cultura erudita, entre "civilização" das elites e "barbárie" do populacho. A esse universo de oposições distintivas e hierárquicas sucedeu um mundo em que a cultura, não se separando mais da indústria mercantil, exibe uma vocação planetária e infiltra-se em todos os setores de atividade. Ao mundo de ontem, no qual a cultura era um sistema de signos comandados pelas lutas simbólicas entre grupos sociais e organizava-se em torno de pontos de referência sagrados, criadores de um universo estável e particular, sucede o da economia política da cultura, da produção cultural proliferante, indefinidamente renovada. Não mais o cosmo fixo da unidade, do sentido último, das classificações hierarquizadas, mas o das redes, dos fluxos, da moda, do mercado sem limite nem centro de referência. (LIPOVETSKY, 2011, p. 7-8).

Na contemporaneidade *Nobrow*, não há como nos prendermos a classificações, a referências. Somos fluxo, somos rede. Lipovetsky fala em “cultura-mundo”:

Qual o significado de cultura-mundo? Num âmbito mais imediato, o conceito se aplica à revolução das tecnologias da informação e da comunicação, à formação de vastas redes midiáticas supranacionais, à expansão da indústria cultural, que passam a introduzir uma parcela sempre crescente dos mesmos bens num mercado globalizado. Isso só é possível mediante uma expansão considerável do setor cultural, que é assim transformado, em sua totalidade, num universo econômico, incluindo-se aí objetivos e políticas de lucro, marketing, trocas comerciais, semelhantes aos critérios vigentes nos demais setores da

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

economia de mercado. Já não nos situamos na época daquele nobre reduto da cultura entendida como o mundo das ideias, mas, sim, no "capitalismo cultural", em cujo âmbito as indústrias da cultura e da comunicação se impõem como instrumentos do crescimento e forças propulsoras da economia. Cultura-mundo designa também um contexto no qual as operações culturais desempenham um papel cada vez mais decisivo no próprio mundo dos negócios, por meio do design, da estética, dos modelos de toda espécie. O padrão da economia cultural é o dos "empreendimentos criativos". Ao remodelar o universo material da produção e do comércio, a cultura não é mais só uma superestrutura sublime de signos. Num contexto dessa natureza, logomarcas, objetos, moda, turismo, habitat, publicidade – tudo tende a assumir um tom cultural, estético e semiótico. Quando o fator econômico se torna elemento cultural e este penetra o conteúdo mercadológico, emerge o contexto da cultura-mundo. Isso porque esta não transcende apenas as particularidades das culturas locais, mas também as antigas dicotomias, que estabeleciam diferenças entre produção e representação, criação e indústria, alta cultura e cultura comercial, imaginário e economia, vanguarda e mercado, arte e moda. Sem dúvida, desde o início dos tempos, verifica-se, nas sociedades tradicionais, uma "inserção" do econômico no universo cultural, num emaranhado de influências recíprocas entre base material, organização social e sistema de valores. No entanto, com o advento da cultura-mundo, essa combinação passa a realizar-se de forma estratégica, operacional e homogênea. O mundo produtivo "real" se anuncia como cultural, enquanto o mundo da cultura pleiteia direitos econômicos. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 2-3).

A cultura-mundo, tal como abordada por Lipovetsky, não é exatamente a cultura *Nobrow* (cf. ANTUNES, 2019), mas um aspecto importante e idiossincrático desta.

[...] vemos desenvolver-se o que se pode chamar uma hipercultura, uma cultura-mundo. Ela se define em primeiro lugar pelo fim da separação entre cultura e economia, em segundo lugar pelo significativo desenvolvimento da esfera cultural, em terceiro lugar pela absorção dela pela ordem mercantil. A cultura que caracteriza a época hipermoderna não é mais o conjunto das normas sociais herdadas do passado e da tradição (a cultura no sentido antropológico), nem mesmo o "pequeno mundo" das artes e das letras (a alta cultura); ela se tornou um setor econômico em plena expansão, a tal ponto considerável que se chega a falar, não sem razão, de "capitalismo cultural". A cultura-mundo designa o sistema econômico-cultural do hipercapitalismo globalizado. (LIPOVETSKY, 2011, p. 68).

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

As barreiras entre economia e cultura foram quebradas na cultura-mundo, fato concordante com a dissolução de definições e fronteiras característica do *Nobrow*. “A cultura-mundo é testemunha da erosão das barreiras estritas que, não havia muito tempo ainda, separavam o mundo da alta cultura do mundo comercial” (LIPOVETSKY, 2011, p. 69). Vejamos, então, alguns aspectos discordantes entre a cultura-mundo e a cultura *Nobrow*.

[...] nosso tempo é testemunha do advento de uma segunda era da cultura-mundo, que, desta vez, se desenha sob os traços de um universal concreto e social. Não mais o ideal do "cidadão do mundo", mas o mundo sem fronteiras dos capitais e das multinacionais, do ciberespaço e do consumismo. Não se limitando mais à esfera do ideal, ela remete à realidade planetária hipermoderna em que, pela primeira vez, a economia mundial se ordena segundo um modelo único de normas, valores e objetivos – o *éthos* e o sistema tecnocapitalista –, e em que a cultura se impõe como um mundo econômico de pleno direito. Cultura-mundo significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e a universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas. Com a cultura-mundo, dissemina-se em todo o globo a cultura da tecnociência, do mercado, do indivíduo, das mídias, do consumo; e, com ela, uma infinidade de novos problemas que põem em jogo questões não só globais (ecologia, imigração, crise econômica, miséria do Terceiro Mundo, terrorismo...) mas também existenciais (identidade, crenças, crise dos sentidos, distúrbios da personalidade...). A cultura globalitária não é apenas um fato; é, ao mesmo tempo, um questionamento tão intenso quanto inquieto de si mesma. Mundo que se torna cultura, cultura que se torna mundo: uma cultura-mundo. (LIPOVETSKY, 2011, p. 8-9).

Ainda que, de fato, a cultura-mundo seja um aspecto da cultura *Nobrow*, enquanto Lipovetsky indica que a cultura-mundo significa o fim da heterogeneidade, *Nobrow* é a garantia de sua continuidade, em simultaneidade.

A cultura-mundo designa a era da formidável ampliação do universo da comunicação, da informação, da midiaticização. O desenvolvimento de novas tecnologias e das indústrias culturais e de comunicação tornou possível um consumo abundante de imagens e, ao mesmo tempo, a multiplicação dos canais, das informações e das trocas ao infinito. Eis a era do mundo hipermediático, do ciber mundo, da comunicação-mundo, estágio supremo, mercantilizado, da cultura. Essa hipercultura não tem

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

mais nada de setor periférico da vida social: janela para o mundo, ela não cessa de remodelar nossos conhecimentos sobre ele, difunde em todo o planeta fluxos ininterruptos de imagens, filmes, músicas, séries televisivas, espetáculos esportivos, transforma a vida política, os modos de existência e a vida cultural, impondo-lhes um novo modo de consagração, bem como a lógica do espetáculo. (LIPOVETSKY, 2011, p. 10).

Esse modelo de cultura:

[...] se estabeleceu há duas ou três décadas, passando a constituir o horizonte cultural das sociedades contemporâneas na era da globalização. Nele, as grandes utopias, os contramodelos de sociedade evaporaram, perderam o essencial de sua credibilidade. (LIPOVETSKY, 2011, p. 13).

Há agora toda uma desorientação, desreferencialização:

Até o presente, era a cultura que claramente traçava o ritmo da existência, que conferia sentido à vida, integrando-a num conjunto de parâmetros religiosos, regras e valores, ou seja, em sistemas simbólicos. A cultura-mundo, desenvolvendo-se às avessas dessa imemorable edificação lógica, não cessa de desorganizar nosso ser-no-mundo, as consciências e as existências. Vivemos num momento em que todos os componentes da vida – desestabilizados, privados de suas coordenadas estruturantes – se acham em crise. Igreja, família, ideologias, política, relação entre os sexos, consumo, arte, educação, não há domínio que escape ao processo de desterritorialização e de desorientação. A cultura-mundo, ou cultura em escala planetária, reduz a estilhaços todos os sistemas de referência, embaralha todas as noções de separação entre "nós" e "os outros", entre guerra e paz, entre proximidade e distância. Esvazia todos os grandes projetos coletivos de seu antigo poder de atração, revoluciona continuamente os estilos de vida e as modalidades de trabalho, bombardeia os indivíduos com informações exageradas e caóticas. Daí provém uma situação de incerteza, de desorientação inédita, generalizada, quase total. As culturas tradicionais criavam um mundo "acabado" e estruturado, que acarretava uma forte identificação de ordem coletiva e, por isso mesmo, uma afirmação identitária, permitindo resistência aos inumeráveis embates da vida. Pelo contrário, na segunda modernidade do mundo, sem o lastro dos modelos coletivos e simbólicos, vivemos num contexto de insegurança identitária e psicológica. Anteriormente, por si só, havia um elo de integração e identificação social entre todos. Doravante, o que vemos é uma fragilização crescente, bem como uma individualização incerta e ensimesmada. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 3-4).

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

A cultura *Nobrow* se tornou o mundo, de arte passou a ser cultura, que passou a ser sociedade, que passou a ser era, que passou a ser mundo. Uma de suas mais importantes características é o mencionado “estilhaçamento dos sistemas de referência” da cultura-mundo. Já não há mais “um elo de integração e identificação social entre todos” (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 4), *Nobrow* é uma era de incerteza e indeterminação, é a era de união de todo o mundo na incerteza.

Num plano mais antropológico, cultura-mundo significa uma nova relação vivida com o fator distância, uma intensificação da tomada de consciência do mundo como fenômeno planetário, ou seja, visto como totalidade e unidade, pelo qual a globalização constitui uma nova realidade objetiva na história, sendo ao mesmo tempo uma realidade cultural, um fenômeno da consciência, da percepção e da emoção. A irrupção das novas tecnologias, o *mass media*, a internet, a rapidez dos transportes, as catástrofes ecológicas, o fim da Guerra Fria e do império soviético, tudo isso, além de haver suscitado a "unificação" do mundo, promoveu também uma maior consciência deste, junto a novas formas de ver, viver e pensar. Algo que ocorra noutro extremo do mundo é hoje capaz de provocar, onde quer que seja, um conjunto de reflexões e temores, de ódios ou correntes de empatia. Nesse sentido, com "a compressão do tempo e do espaço", com a erosão das fronteiras, a cultura-mundo corresponde a uma nova experiência das correlações entre o aqui e o ali, o nacional e o internacional, o próximo e o distante, o local e o universal. De certo modo, reduziu-se o espaço enquanto se acelerou o tempo. Ingressamos na era do espaço-tempo universal, do tempo cibernético global, embora isso, em nenhuma hipótese (convém dizer logo), signifique a supressão das distâncias culturais. Graças ao desenvolvimento do universo midiático e do espaço cibernético, já existe a possibilidade de estar informado sobre tudo, em qualquer lugar, uma vez que os recantos mais isolados estão ligados ao global. Cada vez mais, os homens perfazem a experiência de um só mundo, no qual as interdependências, interconexões e interações se ampliam. Claro, nem todo mundo se assemelha às elites do *jet-set*, que compartilham os mesmos hábitos, consomem as mesmas marcas de luxo e sentem-se em casa nas mesmas grandes redes de hotéis internacionais. Todavia, nada impede que, concomitantemente a esse "cosmopolitismo de aeroportos internacionais", se manifeste a experiência cotidiana de um mundo unificado, mediante ameaças ecológicas, difusão "por transporte aéreo" das epidemias virais, imperativos universais do mercado, crises financeiras, migrações e diásporas, atos terroristas, grandes acontecimentos mundiais (Olimpíadas, Copas do Mundo, morte de

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

Michael Jackson): fenômenos que desconhecem fronteiras e são percebidos desse modo. De onde se segue que a cultura-mundo favorece novas formas de vida transnacionais e o sentimento crescente de estarmos vivendo num mesmo contexto globalizado. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 4-5).

Do mesmo modo em que a cultura-mundo o faz, temos o *Nobrow* que, novamente, é a união de todo o mundo na indeterminação. Com a existência da “possibilidade de estar informado sobre tudo”, a cultura se planetariza, todas as culturas isoladas passam a ter alcance mundial e passam a sofrer influência de todas as outras – toda uma “nova experiência das correlações” – e, principalmente, passam a ter consciência da existência de todas as outras, há, dessa forma, “uma intensificação da tomada de consciência do mundo como fenômeno planetário” (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 4-5).

A própria arte, por muito tempo esfera "protegida", não é poupada. Cai-se na cultura-mundo quando o elemento de oposição constituído pelas vanguardas é ele próprio integrado na ordem econômica, quando a cultura não constitui mais "um império em um império", quando o mercado coloniza a cultura e os modos de vida. Quando, igualmente, as mídias e o ciberespaço se tornam instrumentos primordiais da relação com o mundo e, através deles, afirmam-se novas formas de vida transnacional, novas percepções do mundo marcadas pelas interdependências e pelas crescentes interconexões. Na idade moderna, as transformações mais importantes da esfera cultural foram impulsionadas pela dinâmica da ideologia individualista, com suas exigências de liberdade e de igualdade; na era da hipermodernidade, a economia e seu poder multiplicado é que se impõem como a instância principal da produção cultural. Daí se vê que, se a cultura-mundo está associada à globalização, ela deve ser vista, mais ainda, como o estado da cultura que acompanha a hipermodernidade. Assim, é uma hipercultura de terceiro tipo que agora tece sua teia sobre o mundo e o reconfigura, além dos territórios e das categorias clássicas referentes à questão. Não mais as oposições alta cultura/baixa cultura, cultura antropológica/cultura estética, cultura material/cultura ideológica, mas uma constelação planetária em que se cruzam cultura tecno-científica, cultura de mercado, cultura do indivíduo, cultura midiática, cultura das redes, cultura ecologista: uns tantos polos que constituem as "estruturas elementares" da cultura-mundo. (LIPOVETSKY, 2011, p. 14-15).

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

Territórios e categorias clássicas são reconfigurados com a cultura-mundo, já com o *Nobrow*, eles são superados. “[...] se a cultura-mundo está associada à globalização, ela deve ser vista, mais ainda, como o estado da cultura que acompanha a hipermodernidade” (LIPOVETSKY, 2011, p. 14-15), da mesma maneira, podemos relacionar a associação da cultura *Nobrow* com a glocalização (cf. TRIVINHO, 2012), como estado da cultura que acompanha a era *Nobrow*.

Também o universo da arte contemporânea ilustra, de maneira gritante, o triunfo da cultura-mundo, isto é, de um mundo e de uma cultura transformados em elementos do sistema de mercado. Ao menos desde Andy Warhol (que não hesitava em declarar, em alto e bom som, que era um *business artist*), o modelo do artista rebelde, daquele que rejeita as normas de vida burguesa, é coisa do passado. O mundo atual já não é o da busca da glória imortal. Pelo contrário, é o do triunfo imediato, da procura das celebridades midiáticas e do êxito nos negócios. A ambição revolucionária cedeu terreno às estratégias da ascensão social, à fama dos jovens artistas. Doravante, estes não demonstram a menor reticência em recorrer aos métodos de propaganda para edificar a própria imagem, trabalhando para as empresas e a publicidade num contexto em que as fronteiras entre a arte e a moda, entre a vanguarda e o empenho comercial, não cessam de ruir. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 13).

Essa é a descrição, por exemplo, do artista *Nobrow*, que sofre influência de artes do mundo inteiro e que pode propagar sua arte para o mundo inteiro.

Acabou-se a cultura "sacrificial" dos movimentos de vanguarda com a sua respectiva aversão aos valores estabelecidos: hoje, o ideal está em aparecer na mídia, exibir-se nas exposições e bienais por todo o mundo, figurar no *Kunst Kompass*. O valor de uma obra não é mais fundamentalmente dado pela espontaneidade da manifestação estética ou por seu radicalismo intrínseco. Hoje, em primeiro lugar, a obra é medida pelo seu valor comercial; é o mercado que faz o artista. Além do mais, é o valor comercial das obras que as coloca em destaque na mídia. É algo que se tornou um acontecimento, uma façanha sensacionalista, um sinal de prestígio na mesma proporção dos recordes astronômicos obtidos pelos *blockbusters*. Nesse sentido, por exemplo, Damien Hirst é apresentado mais frequentemente pela imprensa como "o artista vivo mais caro do mundo" do que como o idealizador de um estilo. Enquanto as obras contemporâneas – cujo preço às vezes beira o de grandes obras consagradas pelos séculos – são tidas, muitas vezes, como mercadorias de alto investimento e de arrojadas operações especulativas, importa

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

lembrar que Damien Hirst, no ano de 2008, promoveu leilões destinados à venda de 223 obras recentes, saídas diretamente de seu ateliê, sem recorrer à intermediação de uma galeria. Após a arte subversiva, o ciclo da arte-negócio. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 13).

De fato, o mercado é o novo grande comandante da arte contemporânea, porém, a cultura-mundo, através da glocalização, também traz a possibilidade de autopromoção de cada artista marginalizado, conforme exposto na citação abaixo:

A internacionalização hipermoderna da arte também encontra guarida nos indivíduos que tomam as decisões institucionais cosmopolitas (especialistas dos grandes consórcios de leilões, representantes de exposições, curadores de museus famosos), assim como nas galerias em rede, que se empenham em transformar jovens artistas em grandes astros, por meio de verdadeiras estratégias de comunicação e de marketing, cuja meta consiste em incrementar o valor financeiro da obra. O sistema de ranqueamento, com suas notas prestigiosas e suas cotações internacionais, infiltrou-se até no universo da arte: hoje, as revistas publicam a relação dos 100 artistas internacionais contemporâneos mais bem cotados. Doravante, para obter "reconhecimento", é preciso estar integrado às redes do mercado internacional. Fora desse circuito, ninguém se salva. Mediante a concessão do status de estrela a um número muito limitado de artistas, a arte internacional hipermoderna não foge às injunções da moda, bem como a uma nova forma de academicismo. Em síntese, enquanto a maioria dos artistas se encontra marginalizada, invariavelmente os mesmos nomes aparecem sob o holofote midiático, expostos nos grandes museus de arte contemporânea do mundo. Já não são, portanto, unicamente as marcas comerciais que comprovam o triunfo da cultura-mundo dos negócios, da imagem e das celebridades. Também a arte está integrada a esse universo, um mercado de arte cada vez mais próximo de uma indústria de luxo, consagrando a era do dinheiro-rei, com os respectivos excessos e fenômenos da moda, seus lucros desmedidos e seu artificialismo notório. (LIPOVETSKY; JUVIN, 2012, p. 14-15).

Contudo, nem a sociedade, nem a academia, nem a crítica se adaptaram e não estão preparadas para lidar com a cultura-mundo nem com a cultura *Nobrow*.

Com o desenvolvimento das comunicações e das hipermídias, muda a relação com o tempo e com a distância, os grandes acontecimentos históricos ou esportivos são vistos ao vivo, todos têm acesso imediatamente às imagens e às informações de todos os cantos do mundo.

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

"A Terra nunca foi tão pequena", anuncia uma propaganda de telefone celular: daí em diante estamos conectados com todos, não importa onde, os recantos mais periféricos são desencravados, o local está ligado ao global; a cultura-mundo é a da compressão do tempo e do encolhimento do espaço. Além disso, as ferramentas informáticas tornam possível uma comunicação em tempo real, criando um sentimento de simultaneidade e de imediatismo que transcende as barreiras do espaço e do tempo. Simultaneidade midiática que permite aos indivíduos afastados no espaço partilhar uma mesma experiência, libertar-se dos limites das fronteiras, achar confusa a diferença entre próximo e distante, beneficiarem-se do sentimento de inclusão em um mundo global. Paris está na hora de Nova York e São Paulo na hora de Pequim: eis a era do espaço-tempo mundial, do cibertempo global, do hiperespaço-tempo abstrato e universal. (LIPOVETSKY, 2011, p. 16).

Já discorreremos longamente acerca da simultaneidade de culturas, de tendências etc. na cultura *Nobrow* e sobre as novas configurações do espaço e do tempo (cf. ANTUNES, 2019), em que consideramos as suas contextualizações dentro da cultura-mundo registradas aqui por Lipovetsky.

Se a cultura-mundo pacifica as democracias e reorganiza a experiência do espaço-tempo, fica evidente que ela é também o que desorganiza em grande escala as consciências, os modos de vida, as existências. O mundo hipermoderno está desorientado, inseguro, desestabilizado, não ocasionalmente, mas no cotidiano, de maneira estrutural e crônica. E isso é novo. (LIPOVETSKY, 2011, p. 18).

Aprofundemo-nos agora a questão já apontada sobre o desnorteamento e a desorganização.

O desnorteio contemporâneo é encontrado também em uma escala menos geopolítica. Em um mundo no qual não conseguem ver mais para onde ele leva, os homens são apanhados em uma espiral de incredulidade e de ceticismo antecipado. As Igrejas já não têm a capacidade de regular as crenças e as práticas comuns. A gestão do social e da economia substituiu a utopia; ninguém mais faz votos pelo comunismo, mas o capitalismo globalizado é acompanhado de insegurança e de ansiedade. Os políticos e seus partidos são objeto de desconfiança e de descrédito; os critérios que definem a direita e a esquerda permanecem, mas se tornam cada vez mais imprecisos. Mesmo a Europa desperta desconfiança e se mostra incapaz de fazer sonhar. Depois da era moderna do engajamento, eis a

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

época hipermoderna da *Grande Desorientação*. (LIPOVETSKY, 2011, p. 21, grifo do autor).

“Imprecisão” é a palavra-chave.

E ela não para aí; agora todas as esferas da vida social e íntima são afetadas. A família, a identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias: a incerteza tornou-se a coisa mais bem partilhada do mundo. Mesmo a "alta" cultura não escapa à desorientação generalizada, como demonstra a relação com a arte contemporânea, percebida como "incompreensível", do domínio do "qualquer coisa", e ainda por cima vendida a preços astronômicos. Aliás, é a própria cultura tradicional, humanista e literária, que constituía o alicerce da formação tido como intransponível, que se vê abalada, por sua vez, e sentida cada vez mais, especialmente pelas novas gerações, como defasada de sua época. (LIPOVETSKY, 2011, p. 21).

Toda essa cultura e a arte contemporânea são tidas como “incompreensíveis” por falta de capacidade da teoria em admitir a incerteza. A cultura tradicional pode estar defasada, mas ela tem espaço na simultaneidade de tendências característica do *Nobrow*; o que está defasado de sua época e se vê completamente abalado é o olhar crítico que não tem capacidade de enxergar o *Nobrow*.

Chegou o tempo em que o espaço e o tempo se globalizaram de alguma maneira: a Terra transformou-se em um microuniverso que a velocidade das redes de comunicação tornou acessível em toda parte, com uma quase instantaneidade. Mas, se o desempenho da informação – velocidade e abundância ilimitada – deu um excepcional salto para a frente, o mesmo não acontece com a compreensão do mundo e com a incompreensão entre os homens. Não sofremos mais com a raridade do saber: estamos perdidos na própria abundância da informação. Em vez de uma ordem transparente trazendo, em princípio, clareza e racionalidade, vemos aumentar o caos intelectual e a insegurança psicológica, as crenças esotéricas, a confusão e a desorientação generalizadas. (LIPOVETSKY, 2011, p. 21-22).

Estamos perdidos em um mar de *Big Data* e não conseguiremos nunca alcançar clareza e compreensão com a aceleração contemporânea, o que nos leva à grande questão a ser analisada: conseguir deixar de estar desorientados nesse contexto contemporâneo ou ter que aprender a viver com a desorientação, a abraçá-la?

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

Três séries de fenômenos servem de base a essa progressão espetacular dos problemas culturais na era hipermoderna. O primeiro está ligado ao formidável desenvolvimento da dimensão econômica da cultura, que deixou de ser um setor marginal, um mundo à parte. Na época da globalização das indústrias do imaginário e do ciberespaço, a cultura é uma indústria, um complexo midiático-mercantil funcionando como um dos principais motores de crescimento das nações desenvolvidas: daí em diante as exportações ligadas às indústrias cinematográficas e audiovisuais rendem mais aos Estados Unidos que a Aeronáutica. A cultura – dos programas audiovisuais ao patrimônio, da edição à informação – é pensada em termos de mercado, de racionalização, de montantes de negócios e de rentabilidade. À antiga disjunção cultura/comércio sucedeu uma lógica de anexação da cultura pela ordem mercantil, instituindo uma verdadeira economia cultural transnacional. Os debates referentes à "exceção cultural" e, depois, à "diversidade cultural" traduzem de maneira direta o novo peso econômico da cultura que daí em diante os Estados devem defender nas grandes negociações internacionais. Em segundo lugar, no momento mesmo em que o capitalismo absorve cada vez mais a esfera cultural, ela registra a erosão das antigas fronteiras simbólicas que hierarquizavam a alta e a baixa cultura, a arte e o comercial, o espírito e o divertimento. A época hipermoderna pôs em órbita o "tudo-cultural", baseado na dignificação e na igualização democrática dos conteúdos mais heterogêneos. Excrecência da cultura mercantilizada, relativismo cultural: daí surgiu todo um conjunto de polêmicas e de advertências contra a rebarbarização da cultura e, mais amplamente, contra a infantilização dos consumidores, o empobrecimento da vida social e intelectual. Em terceiro lugar, se hoje se assiste à comercialização exponencial da cultura, vê-se, do mesmo modo, ela se tornar uma esfera cada vez mais politizada, conflituosa e por vezes trágica. Dão testemunho disso, em seu nível extremo e no cenário internacional, a multiplicação dos massacres interétnicos, das guerras comunitárias, dos tribalismos sanguinários, dos fanatismos etnorreligiosos e etnonacionalistas. Mas também as ações terroristas em grande escala dirigidas contra o Grande Satã ocidental. Um pouco em toda parte, as violências que se desencadeiam no mundo e que acompanham o fim da divisão em blocos e o enfraquecimento das estruturas estatais estão carregadas de componentes culturais, étnicos, nacionais. Ao que se somam o "retorno do religioso" e dos fundamentalismos, a reislamização de diversas sociedades, bem como, no Ocidente, a multiplicação dos nacionalismos regionais, identitários e linguísticos, desarranjando a organização dos Estados seculares. (LIPOVETSKY, 2011, p. 24-26).

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

O primeiro fenômeno é parte extremamente característica da cultura *Nobrow*, na qual fronteiras entre diferentes áreas tornam-se esfumaçadas e porosas, na qual a economia pode se tornar a cultura e a cultura pode se tornar a economia, sem que seja mais possível discernir uma da outra. O segundo fenômeno nos trouxe toda uma nova diagramação da cultura (cf. ANTUNES, 2019). Já o terceiro fenômeno é novidade corrente, porém, não é tendência majoritária, é apenas uma visão (e conseqüente reação) extremamente trágica por parte daqueles que não compreendem bem as potencialidades tanto da globalização quanto da glocalização.

Quanto mais o mundo se globaliza, mais os particularismos e as exigências identitárias ganham relevo, induzindo uma nova relação entre cultura e política. Componente cultural ainda mais deflagrador quando se encontra instrumentalizado e investido do que continua sendo o fundamento dos conflitos que agitam o mundo, a saber, as reivindicações territoriais, as apostas geopolíticas, os conflitos de interesse econômicos, as relações de poder e as ambições políticas dos grupos, dos clãs ou mesmo dos indivíduos. (LIPOVETSKY, 2011, p. 26).

Não há compreensão que a globalização pode trazer mais visibilidade para cada particularismo, porém, há que se compreender que a dissolução das identidades, característica do *Nobrow*, é inexorável, o que não significa que as culturas locais sejam obliteradas.

Ao atomizar o social, a dinâmica de individualização engendrou uma nova forma de insegurança identitária baseada na perda das ancoragens comunitárias. Daí a necessidade de identificar-se com comunidades particulares, étnicas, religiosas ou infranacionais capazes de recriar um sentimento de inclusão coletiva. Enquanto recuam os polos de identificação de caráter universal comparados a abstrações distantes, os indivíduos reinvestem em suas comunidades particulares imediatas. A identificação dos indivíduos afirma-se cada vez menos pela adesão a princípios políticos gerais e cada vez mais por referenciais dependentes da história, da cultura, do religioso, da etnicidade. Explosão de identidades que engendra um processo de balcanização social feita de uma multiplicidade de minorias e de grupos que se ignoram ou são hostis uns aos outros. (LIPOVETSKY, 2011, p. 52).

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

O essencial a ser feito é libertar-nos dessa necessidade de nos identificar. O indivíduo contemporâneo perde tempo buscando encaixar-se em grupos ou simplesmente em uma definição, quando nenhuma palavra será capaz de traduzir a complexidade e a multiplicidade contemporâneas (talvez “*Nobrow*”, sendo esse o motivo de nossa proposta de uso do termo).

Essa nova situação não está livre do perigo. Os indivíduos libertos dos enquadramentos coletivos, mas “desnorreados” e frágeis, podem querer buscar uma integração “tranquilizante” em grupos, “seitas”, redes por vezes radicais e violentas. Esse fenômeno não é marginal: tudo leva a crer que vai prosseguir em razão das novas demandas identitárias originadas por uma hiperindividualização causadora de ansiedade. Uma das vertentes da hipermodernidade é, assim, o aumento do caos balcanizado, das seitas e dos movimentos terroristas. Mesmo que não consigam romper a democracia, as minorias ativas conseguem pô-la em estado de choque, aterrorizar o cotidiano, abalar repetidamente a tranquilidade pública. Mais sólida do que se imagina, a sociedade liberal não soçobra, mas os efeitos disso também são consideráveis. Tendo ao fundo a desestabilização psicológica dos indivíduos, o perigo por vir não reside na destruição violenta das democracias liberais, mas em seu assédio pelas minorias perigosas, em um processo de insegurança crônica. (LIPOVETSKY, 2011, p. 52-53).

Conforme dissemos, essa integração sempre será forçada, pois o indivíduo contemporâneo não se encaixa de maneira alguma em todas as características denominadoras de um grupo. Temos que vencer essas demandas identitárias e superar todo o conceito de identificação em si, aceitando a liberdade da abertura conceitual.

A cultura-mundo significa cultura universal, mas isso não quer dizer que ela aboliu a diversidade das culturas particularistas no mundo. Sobre um pano de fundo globalista de agora em diante convergente e de origem ocidental podem erguer-se instituições políticas, ideologias e valores dominantes que não são de modo algum os partilhados pelo Ocidente liberal: a globalização hipermoderna não traz consigo de maneira alguma o triunfo certo das democracias liberais. A cultura-mundo não suprime as idiossincrasias culturais, tampouco as soberanias nacionais. (LIPOVETSKY, 2011, p. 64-65).

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

Nesse ponto, de fato, temos concordância nas visões da cultura-mundo e da cultura *Nobrow*. Ainda que haja discordâncias já discutidas acima em relação à “heterogeneidade”, a ideia de cultura universal que não abole culturas locais é concordante entre ambas – ainda que na cultura-mundo se acredite que a globalização enfraquece as culturas locais, enquanto na cultura *Nobrow* entende-se que elas têm potencial infinito de visibilidade.

Mas, da mesma maneira que o cultural penetra o universo comercial, a arte não se opõe mais ao mundo da economia. Entra-se na cultura-mundo quando a arte não obedece mais a leis heterogêneas às da economia. Reciclada e reformatada pelo mercado, a arte tornou-se um elemento constitutivo da cultura-mundo. Esse movimento de duplo sentido cria a mutação característica da hipermodernidade cultural. Nos tempos da cultura-mundo, a cultura torna-se mundo de marcas e de consumo e o mundo mercantil torna-se, mais ou menos, cultural. (LIPOVETSKY, 2011, p. 69).

Retomemos, então, a questão da arte, que, conforme sinalizamos ao longo desta Tese, foi fundindo-se com a cultura, com a sociedade, com a contemporaneidade em geral, até tornarem-se uma só. Em meio a isso, Lipovetsky pergunta:

[...] como definir a modernidade cultural? O que a caracteriza propriamente? É comum responder a essa pergunta apontando a arte moderna e as vanguardas que se manifestam no começo do século XX. Uma cultura em tudo nova, absolutamente moderna, se constitui na recusa de todas as tradições de ofício, de todas as formas clássicas de expressão, de todos os estilos existentes, e isso em todos os domínios culturais: da pintura à escultura, da arquitetura à música, da dança à literatura. Proclamando a autonomia da arte, que não deve mais obedecer senão às suas próprias leis, a arte moderna afirma-se revolucionária, rejeita a herança do passado e a autoridade dos Mestres, pretende-se cada vez mais radical, a ponto de questionar o estatuto do Belo e da obra de arte. Sustentada por um individualismo cada vez mais ofensivo, recusando a ancoragem nacional das obras, a cultura das vanguardas pretende-se transgressiva, cosmopolita, tendo em vista o homem novo. A novidade histórica dessa cultura desconstrutiva é inegável. Ela transformou profundamente nossas referências estéticas e a paisagem cultural da modernidade heroica. (LIPOVETSKY, 2011, p. 69-70).

Uma cultura realmente em tudo nova jamais irá existir, sempre haverá traços de outras culturas. A diferença no advento do *Nobrow* é que não conseguimos identificar mais

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

esses traços, de maneira que temos muitas obras que parecem fundamentalmente novas. Essa é “a novidade histórica dessa cultura desconstrutiva” (LIPOVETSKY, 2011, p. 69-70), não porque ela transformou as referências, mas porque elas não existem mais. “A cultura-mundo não determina apenas o mundo das indústrias culturais e da rede. Ela significa também um novo lugar e um novo estatuto da arte em nossas sociedades.” (LIPOVETSKY, 2011, p. 87).

Assim sendo, cabe mais um questionamento: “Uma das grandes apostas da cultura-mundo está aí: como educar os indivíduos e formar espíritos livres em um universo com informações em excesso?” (LIPOVETSKY, 2011, p. 69). A resposta está em aprender a lidar, a trabalhar, a compreender, a viver com as indefinições e indeterminações.

O capitalismo e o hedonismo consumista fizeram a cultura literária e artística perder o lugar supereminente que ocupavam havia não muito tempo: daí em diante, o fútil tem valor cultural, a época é a da indiferenciação dos gêneros, da confusão das hierarquias que distinguiam, ainda havia pouco, cultura nobre de cultura de massa. Com a cultura-mundo observa-se um recuo no desejo por alta cultura e ao mesmo tempo um enfraquecimento da legitimidade de que ela dispunha. Se a época hipermoderna é contemporânea do reforço da autoridade da cultura científica, ela o é também da regressão da autoridade simbólica da "grande" cultura. Alguns, nessas condições, falam de um estado de "pós-cultura", outros, sem rodeios, de barbárie intelectual e estética. (LIPOVETSKY, 2011, p. 102-103).

A época é da indiferenciação e também da indeterminação, bem como da superação dos gêneros.

A ideia de queda do valor da cultura é inegavelmente justa, pelo menos no que se refere às humanidades, à literatura e à filosofia: sua irradiação, o entusiasmo que as cercava diminuiu notavelmente. Os debates de ideias e de escolas contrárias, as posições e as controvérsias filosóficas perderam sua aura, seu poder de fascínio e de influência se enfraquecem com grande rapidez. Não há mais -ismos, grandes figuras carismáticas, e há cada vez menos mentores: daí em diante, toda uma face da cultura intelectual passa a estar, por assim dizer, desabitada, e ao mesmo tempo funcionalizada e comercializada. De um lado, a esfera intelectual encontra-se cada vez mais institucionalizada, "burocratizada", constituída que é por professores e universitários para os quais a carreira é muitas vezes mais importante do que a questão das ideias. Sem dúvida, aqui o "gosto pelas ideias" não é a coisa mais bem partilhada do mundo,

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

o que demonstram as vendas mais que medíocres das obras de ciências humanas, em um contexto que assistiu, contudo, a um fortíssimo crescimento dos efetivos de pesquisadores e docentes do ensino superior. Com a profissionalização da vida intelectual, se o número de publicações "eruditas" não cessa de crescer, elas são lidas por um público cada vez mais restrito, para não dizer, por vezes, impossível de encontrar. Na universidade hipermoderna, o importante é menos a qualidade que o número de publicações; e poder ostentar os sinais de reconhecimento oferecidos pelos congressos e colóquios que se realizam pelo mundo conta mais que o futuro da disciplina. O intelectual ascético cedeu passagem aos pesquisadores e intelectuais nômades, novos turistas hipermóveis e transnacionais. "Um mundo muito pequeno" (David Lodge), que nem por isso deixa de ser uma faceta da cultura-mundo. (LIPOVETSKY, 2011, p. 103-104).

“A ideia de queda do valor da cultura” não é “inegavelmente justa” (LIPOVETSKY, 2011, p. 103), ainda que essa afirmação possa ser considerada verdadeira (mas não inegável) em relação à discussão com o exemplo de *Fausto* – que não alcançaria impacto, pereceria diante da imediatez consumista –, ela definitivamente desconsidera as vantagens para a cultura de uma produção exponencialmente maior e de uma diversidade muito mais rica. Não há mais “ismos” justamente devido a tal diversidade, na qual se faz impossível integrar-se a um grupo único – não há como dois artistas compartilharem todas as mesmas características em sua obra para integrarem um mesmo grupo na contemporaneidade de aceleração e excessos. O público das publicações “eruditas” é mais restrito, por outro lado, o alcance dessas é maior, tendo um potencial ainda maior de tornar um número enorme de pessoas em “eruditas”.

Jamais a cultura artística teve tal audiência de massa, porém de um gênero muito específico, é preciso acrescentar, de tanto que a marca traz em si o espírito consumista. As obras do passado não são mais contempladas com veneração no recolhimento e num silêncio mais ou menos eivado de temor, e sim com a descontração das multidões em férias. Tanto os quadros como as catedrais são de alguma maneira consumidos como em um *fast-food*, segundo a lógica de um *zapping* alucinado. Uma pesquisa recente revela que um visitante médio permanece diante de *As sabinas*, de David, apenas de quinze a quarenta segundos, variação que depende de ele olhar ou não a plaquinha; de cinco a nove segundos diante da *Grande odalisca*, de Ingres. A aura em torno da obra deu lugar a uma experiência *turística*, sintomática da sociedade

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

do hiperconsumo. Em nossas sociedades, as obras funcionam como objetos de animação de massa destinados e diversificar os lazes e a "matar" o tempo. O visitante de museu não busca uma experiência estética "pura", mas antes de mais nada estímulos renovados, emoções instantâneas que criem um tempo recreativo. O amante da arte apaixonado por contemplação estética, percursos iniciáticos e elevação espiritual não constitui a figura típica do visitante de museus e exposições; a que domina é a do *Homo consumericus*, à espreita de divertimento e de ocupar seu tempo livre. (LIPOVETSKY, 2011, p. 107-108, grifo do autor).

O que precisamos fazer é nos adaptar às novas formas de consumo intelectual, de maneira a não comprometer a qualidade da produção. A “figura típica do visitante de museus e exposições” (LIPOVETSKY, 2011, p. 108) precisa se transformar, abraçar “a massa” e educá-la, não simplesmente excluí-la. O grande potencial da glocalização e da cultura *Nobrow* é levar essa educação para todos.

Assim, o que podemos presenciar não é o apagar da autoridade da cultura artística, mas uma experiência inédita, em que a admiração pelas obras supervalorizadas, mais plenamente reconhecidas, é resultado da mesma atitude, da mesma relação temporal que se tem no consumo dos produtos mais comuns. Não anulação das hierarquias culturais em um relativismo cultural integral, mas uniformidade dos comportamentos dos indivíduos consumidores, quaisquer que sejam os lugares, qualquer que seja o reconhecimento granjeado pelas obras. Diferentemente do que pensam os cruzados da alta cultura, a era hipermoderna não está devastada pelo niilismo, pela indistinção e pela confusão dos valores. Nada de nivelamento dos julgamentos e das classificações, mas, sim, uma "igualação" dos comportamentos culturais. (LIPOVETSKY, 2011, p. 108).

O ideal seria buscar a “anulação das hierarquias” (LIPOVETSKY, 2011, p. 108) sem uniformizar comportamentos, sem estabelecer qual comportamento seria o idealista.

Da mesma forma, a ideia de erradicação das diferenças culturais pelo mercado não resiste ao exame dos fatos. As empresas compreenderam isso rapidamente ao desenvolver o princípio da "glocalização", integrando as diferenças, os esquemas culturais específicos das nações no panorama de sua estratégia internacional. A empresa global é aquela que torna seu o famoso "pensar global, agir local", com a atitude unificada no plano estratégico aliando-se a abordagens que consideram os contextos e os universos simbólicos particulares. As empresas

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

multinacionais são obrigadas a articular suas necessidades universais de gestão juntamente com a observância das particularidades nacionais. Nos tempos da globalização, o imperativo da inovação já não nega as tradições e o passado, outrora considerados arcaicos. Porque as identidades culturais típicas de cada país são fenômenos bem vivos, a gestão intercultural empenha-se em combinar o universal com o particular, o racional com o tradicional, a unidade moderna com a diversidade dos costumes. (LIPOVETSKY, 2011, p. 114-115).

Realmente, a problemática não é uma questão de erradicação das diferenças culturais. O *Nobrow* é a era da simultaneidade, da convivência e da “além-hibridização” dessas diferenças.

Dizer que as indústrias culturais americanas dominam o mercado mundial é uma coisa; dizer que todas as culturas do mundo estão em vias de se americanizar é coisa bem diferente, pois as indústrias da informação, do consumo e da cultura não são o todo da cultura. Se existe realmente uma ofensiva universal dos produtos americanos, nota-se também o desenvolvimento de bens culturais que, provenientes de diferentes partes do mundo, se reapropriam dos formatos midiáticos americanos, os readaptam, conseguindo, assim, criar formas híbridas. Culturas particulares cruzam permanentemente com a cultura-mundo, e se cruzam entre si, umas se alimentando das outras. Exemplos disso são as formas híbridas que são os mangás japoneses, os folhetins egípcios ou as telenovelas brasileiras e mexicanas, frutos do encontro do modelo USA com as realidades culturais locais. Vemos isso acontecer também na atitude dos jovens artistas plásticos africanos, que, em vez de se limitarem a "fazer africano", como se espera que eles façam, tiram sua inspiração de um diálogo de sua africanidade com outros modelos, especialmente os europeus. Vemos isso ainda no desenvolvimento de uma *world music* em que se misturam ritmos vindos um pouco de todos os lugares, tanto da Jamaica como do Leste Europeu, tanto do Magreb como da África negra. Bossa nova, *reggae*, salsa, música argelina, *gipsy jazz*: a música "sem fronteiras" baseia-se na fusão de ritmos modernos e de ritmos tradicionais, de instrumentos elétricos e de instrumentos antigos, na hibridação do jazz com o samba, do rai argelino com o blues, do flamenco com o rock, das músicas locais com as músicas funk, pop ou rhythm & blues. A cultura-mundo é aquela em que coabitam produtos formatados e produções "crioulizadas", enriquecendo-se de todas as correntes e estilos do mundo próximo ou distante. (LIPOVETSKY, 2011, p. 125-126).

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

A cultura-mundo é aquela em que eles coabitam e também coexistem, enriquecem-se. Não apenas crioulizam-se, hibridizam-se, mas também “além-hibridizam-se”.

A globalização das trocas não poderia ir contra a diversidade cultural, que deve ser elevada à condição de "patrimônio comum da humanidade" e considerada tão vital "para o gênero humano quanto a biodiversidade na ordem do ser vivo". Como a diversidade das espécies é necessária à vida, o pluralismo cultural é um imperativo em matéria de civilização. E pode-se mesmo pensar que uma civilização que fosse mundial representaria por si mesma seu próprio fim. A cultura-mundo é legítima apenas à medida que não arruína o princípio antropológico da diversidade do mundo, o equilíbrio dos "ecossistemas culturais". [...] Outra razão leva a defender a diversidade cultural: é que ela é uma das condições da criatividade e da renovação. Ao permitir o enriquecimento das expressões, ela traz maneiras constantemente renovadas e cruzadas de traduzir uma realidade multiforme e cambiante. (LIPOVETSKY, 2011, p. 130-131).

Reforçamos mais uma vez: na contemporaneidade, as culturas se unem, mas se unem no compartilhamento de sua heterogeneidade.

O melhor meio de garantir o pluralismo não é fechar as fronteiras, opor-se ao comércio internacional, atentar contra a liberdade de consumo e de comunicação, mas fazer com que os excessos do mercado não acabem com a diversidade. As cotas de filmes nacionais impostas aos canais de televisão nas programações e as ajudas fornecidas às salas de cinema de arte diante da padronização das programações pelos grandes grupos são exemplos de uma política cultural sadia, uma vez que, sem prejudicar o mercado, permite preservar uma criação nacional, garantindo certa diversidade. Para favorecê-la e evitar que o cinema se encerre em uma produção com dois pesos e duas medidas, em que os filmes de autor são condenados a ser pobres, a ajuda aos filmes de orçamento médio vai igualmente no bom sentido. (LIPOVETSKY, 2011, p. 131-132).

Consumir a cultura *Nobrow* – glocal e planetária – não significa deixar de consumir a cultura local.

Com a cultura-mundo, afirmam-se democracias cuja inteligibilidade e plena governabilidade escapam cada vez mais tanto aos indivíduos como aos Estados. Um pouco em toda parte, vê-se ao mesmo tempo um sentimento de desorientação e de impotência coletiva para controlar o curso do futuro. Apesar disso, esse balanço não deve servir para reforçar

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

a ideia de um impoder redibitório. Em muitos planos, medidas transformadoras são possíveis, assim como necessárias. Sem dúvida, a tarefa de mudar o existente não é das mais simples, ainda mais que as grandes "soluções" da era moderna perderam credibilidade. A economia administrada faliu, a social-democracia começa a não dar certo; quanto ao neoliberalismo, não cessa de mostrar cruelmente seus limites e suas injustiças em todo o planeta. É por isso que, mais do que nunca, deve-se dar lugar à imaginação, à multiplicidade de projetos e ideias. (LIPOVETSKY, 2011, p. 148).

A diversidade e a multiplicidade são multidimensionais na contemporaneidade, estão presentes em todas as áreas e em todos os lugares.

É preciso repetir: a cultura-mundo, por mais globalizante que seja, não é Una; é ambivalente, paradoxal, contraditória. Jogando com suas forças e suas tensões diversas, é possível inflectir o curso das coisas e configurar um mundo melhor. Não se trata de cultivar um sonho grandioso, mas de simplesmente alimentar o debate, fixar prioridades, traçar linhas. Uma tal política, que visa afastar a hipermodernidade da selva que ela tende a ser, não constitui uma política de civilização, mas poderia fazer desta uma ordem simplesmente mais "civilizada". (LIPOVETSKY, 2011, p. 149).

Igualmente à questão do “nomear o inominável” como *Nobrow*, a ideia não é classificar o inclassificável, mas apenas torná-lo mais compreensível de acordo com os princípios aceitos pela teoria, a qual, ao mesmo tempo, deve abri-los.

A hipermodernidade criou uma situação nova, que não atinge simplesmente a escola, mas o próprio saber. Já não há cânones do conhecimento, já não há passagens obrigatórias para constituir para si uma cultura partilhada: hoje estamos no duplo caos da abundância e do imediatismo. Jamais tantas informações estiveram disponíveis, jamais os recursos enciclopédicos foram tão ricos: mas ricos de quê? A Wikipedia, o próprio símbolo desse saber globalizado, despeja na internet, desordenadamente, conhecimentos heteróclitos que vão do mais avançado ao mais superficial, ou mesmo ao mais duvidoso. Não há distanciamento crítico nem hierarquia de informações, e sim o acesso imediato, para todos, a um saber fragmentado, que deslegitima os mestres e instaura a credulidade e a facilidade do menor esforço. Em tais condições, confiando na Rede para encobrir suas ignorâncias e ocupados demais em viver no presente para pensar em constituir para si uma cultura além da instantânea, os homens da hipermodernidade tendem a perder não apenas o senso de perspectiva mas também o alicerce comum de conhecimentos comuns que constitui propriamente uma cultura. Daí a

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

necessidade de dar aos novos tempos uma nova cultura geral, transformando o que não é mais que um amontoado desordenado de informações em um conjunto de conhecimentos e de valores partilhados. Sem dúvida, essa ideia foi menosprezada incontáveis vezes, de tanto que recendia a "antiquado", a um verniz oco, pomposo e "burguês" do saber. E, no entanto, ei-la voltando ao primeiro plano, a tal ponto seu papel parece necessário e cada vez mais indispensável. Nada mais crucial para a cultura, em plena hipermodernidade, que redefinir algo como uma cultura geral. (LIPOVETSKY, 2011, p. 160-161).

Estamos no duplo caos da abundância e imediatismo, assim como do excesso e aceleração. Se temos todo *Big Data* disponível para todos desordenadamente, como no exemplo da Wikipédia, devemos desconsiderar e desperdiçar essas informações? Não. Novamente, temos que nos educar a viver no desordenado, temos que lidar com a indeterminação, com o inclassificalismo e com a vida sem nomeações claras para nos guiar. Os críticos têm que se libertar das categorias ao mesmo tempo que cada indivíduo deve também fazer papel de crítico incessantemente. Assim, “o que não é mais que um amontoado desordenado de informações” se transformará em “um conjunto de conhecimentos e de valores partilhados”, conjunto este inclassificável, mas partilhável, compreensível (LIPOVETSKY, 2011, p. 161). O que é crucial não é “redefinir”, mas sim “deixar de definir”.

Lipovetsky contextualiza os fatores que levaram a tal “desordem contemporânea”:

Sob o ponto de vista da longa duração, três grandes ondas relativas aos domínios da arte, dos costumes e da economia estruturaram/desestruturaram a organização do mundo e da cultura. A primeira fratura é ilustrada pela arte e suas vanguardas iconoclastas, que se propuseram a destruir não apenas a arte burguesa mas todos os códigos tradicionais das formas expressivas: na esteira de Rimbaud, tudo será feito para que o barco da arte se estilhace e afunde no mar. Além das proclamações revolucionárias, foi de fato um liberalismo artístico total que se afirmou e que, daí em diante, triunfa através do que se convencionou chamar "arte contemporânea". A segunda onda de descontinuidade abalou, a partir dos anos 1960, as normas da vida cotidiana, os valores burgueses e familiares, as relações entre os sexos. Lançando seus sutiãs por cima das barricadas, buscando sob o asfalto a praia do prazer e do sexo, derrubando a autoridade dos mestres, rompendo os tabus de um moralismo conformista, as jovens e os jovens de 1968, de Berkeley a Praga ou ao Quartier Latin, fazem soprar a

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

ventania do liberalismo cultural. Este será um instrumento importante na escalada do hiperindividualismo. É na virada dos anos 1970-80 que se inicia a terceira grande onda de desregulamentação, esta econômica, que, com o neoliberalismo, procura dismantelar o sistema de regulamentações, os controles administrativos e as barreiras protecionistas, santificando um capitalismo desenquadrado, um mercado-rei liberto dos antigos entraves. Sociedade neoliberal que, após cerca de vinte anos, está no centro de uma hipermodernidade marcada por um movimento de hiperbolização dos próprios princípios da modernidade. A sociedade hipermoderna assinala-se, com efeito, pelo enorme crescimento dos fenômenos bolsistas, digitais, urbanos, midiáticos, artísticos, tecnológicos, consumistas: hipertrofia que é a nova figura da dinâmica desreguladora da modernidade. (LIPOVETSKY, 2011, p. 193-194).

Três grandes estruturações/desestruturações, dentre outras, fizeram nascer a sociedade *Nobrow*.

Foram todos esses choques, todas essas desestruturações que contribuíram fortemente para a desordem contemporânea. Ao mesmo tempo, o mal-estar crescente, a desorientação de um mundo que sente de maneira obscura que, ao se libertar de toda linha diretriz e ao navegar às cegas por uma espécie de progressão rápida, acabou perdendo suas bússolas, diz bem que a hipermodernidade hoje procura um sentido para si, um novo modo de composição. Cada vez mais se revela a necessidade de se reinventarem as regras de um jogo que, disputado de maneira selvagem, escapa demasiadamente ao controle de seus protagonistas. (LIPOVETSKY, 2011, p. 194-195).

Contudo, o que se deve aceitar é que esse “novo modo de composição” que nossa época (quer a consideremos hipermodernidade ou *Nobrow*) tanto necessita é a “decomposição”: é livrar-nos de grupos, movimentos, diretrizes, classificações. Aceitar a decomposição generalizada, nos unir apenas na indefinição. É aprender a navegar sem bússolas. Uma reinvenção verdadeira das regras.

Depois das grandes desestruturações, estes tempos sonham com religamentos, com reconciliação entre passado e presente, arte e indústria, técnica e natureza, sabedoria e desempenho, autoridade e inovação, tradição e liberdade, consumo e solidariedade. O mundo está em busca de novas regulações: como um classicismo reinventado que, longe de abominar o movimento que desloca as linhas, alteraria a fórmula

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

baudelairiana a fim de conjugar movimento e estabilidade. Contudo, não sonhemos: jamais redescobriremos o mundo das certezas e dos equilíbrios anteriores. A era do código unificado do sentido está irremediavelmente perdida. Em um universo que reconhece apenas o indivíduo, os sistemas coletivos do sentido já não têm fundamento sagrado, sua autoridade institucional se corrói, cedendo passagem à desconfiança, à livre apropriação, ao regime fraco das crenças provisórias. A hiperindividualização e a aceleração da mudança social e cultural nos condenam à reflexividade, à relativização das crenças, a questionamentos sem respostas seguras. O futuro que se desenha, quaisquer que sejam os arranjos que se produzirem, não escapará ao crescente reino da incerteza. (LIPOVETSKY, 2011, p. 195-196).

Tudo já está religado, o mundo hoje funciona em redes, o que não há são estruturas. O mundo não necessita de novas regulações, necessita aprender a viver sem elas, a viver na irremediável incerteza, pois realmente “jamais redescobriremos o mundo das certezas e dos equilíbrios anteriores” (LIPOVETSKY, 2011, p. 195-196).

Mas desorientação não é apocalipse. Diante do mundo por vir, nada pior que um medo causador de imobilismo e da tentação de recuo. Todas as nações conhecem o processo de desorientação, mas nem todas veem a globalização com a mesma inquietude, com o mesmo pessimismo. Nesse sentido, cabe-nos, e o Estado tem sua parte nisso, recriar as condições de um clima de confiança respondendo a três grandes imperativos. Em primeiro lugar, reabilitar a cultura do trabalho e do mérito: libertar as forças do trabalho, estender o tempo de atividade, inventar novos sistemas de aposentadoria, recompensar mais o mérito, eliminar os "desestímulos" ao trabalho, preparar melhor para a vida profissional através da formação inicial e contínua. O hedonismo cultural não é a solução do problema: é mobilizando as forças criadoras de riqueza e de crescimento e, portanto, de futuro, que a desorientação escapará ao abismo da desolação. (LIPOVETSKY, 2011, p. 196).

Aqui, novamente, reitera-se a ideia de educar para viver na desorientação, e não ir contra ela. “Como viver no hiper mundo da desorientação? Deve-se realmente constatar que, diante dele, os homens não dispõem das mesmas armas.” (LIPOVETSKY, 2011, p. 197). Assim, devemos trocar as armas, modificar nosso modo de visão.

Por muito tempo, a proposta da cultura esteve associada com a profundidade da alma, com a vida segundo a razão. Essa vocação

direitos humanos, políticas identitárias, imaginários de resistência.

superior se tornou mais do que nunca obsoleta em um mundo dominado pela superficialidade do imediatismo e do consumismo. Daqui em diante, ao lado desta, outra missão cabe à cultura: abrir a existência para diversas dimensões, fornecer objetivos e diretrizes para que se possa recomeçar novos caminhos, estimular as múltiplas potencialidades dos indivíduos, que não se reduzem tão só à compreensão inteligente do mundo. E aí nos juntamos, de certa maneira, à função eterna, antropológica da cultura: educar e socializar os homens, dando-lhes um propósito e favorecendo hoje um sem-número de projetos, experiências, horizontes com sentido, fornecer a eles a possibilidade de "mudar de vida". A cultura não é contra a paixão: é, ao contrário, o que deve alimentar as paixões ricas e boas dos indivíduos. Não mais apenas exaltar a profundidade, mas talvez realizar algo mais importante para a maioria: [...] fazer com que os homens tenham autoestima quando envolvidos com atividades que mobilizem sua paixão por superar-se e assumir o papel de protagonistas de suas vidas. (LIPOVETSKY, 2011, p. 198).

Palavras-chave: Cultura-Mundo, Cultura *Nobrow*, Pós-modernidade, Políticas Identitárias, Imaginários de Resistência, Direitos Fundamentais, Direitos Humanos.

Referências

- ALEXY, Robert. **Teoria dos direitos fundamentais**. São Paulo: Malheiros, 2008.
- ANTUNES, Janaína Quintas. **Nobrow: o inclassificável internacionalizado**. São Paulo: Gênio Criador, 2019.
- _____. Reconfiguração da vida e ciência colaborativa. In: SAKAMOTO, Cleusa Kazue; ANDREUCCI, Sérgio (orgs.). **Crise, criatividade e comunicação: estudos em meio à pandemia de COVID-19**. São Paulo: Gênio Criador, 2020.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004a.
- _____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004b.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



XIV SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA
UNIP – online – 01, 02, 03 e 04 de dezembro de 2021

**direitos humanos,
políticas identitárias,
imaginários de resistência.**

LIPOVETSKY, Gilles; JUVIN, Hervé. **A globalização ocidental:** controvérsia sobre a cultura planetária. Barueri: Manole, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. **A condição pós-moderna.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural:** lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Glocal:** visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real. São Paulo: Annablume, 2012.